

» PEDRO IBARRA

Uma mistura de festa, militância e bandeiras distintas coloriu o centro de Brasília na tarde de ontem. A Parada LGBTQ+ juntou milhares de pessoas no Eixo Monumental. O intuito era de cantar, dançar, se divertir, mas em momento nenhum esquecer de que os direitos da comunidade precisam ser garantidos e as condições de vida e existência do público que ali passeava ainda precisam melhorar.

Em quatro trios elétricos, a música se juntou aos discursos sobre as causas da comunidade e fez da parada uma festa e um espaço de militância ao mesmo tempo. Figuras importantes da comunidade empunharam o microfone, que passou por mãos, como as de Greg Queen, Adriana Bombom e da deputada Érika Hilton, ovacionada pelo público. “Nós não somos só estatística, somos a força, a garra e a resiliência”, discursou a parlamentar.

“A Parada é sobre diversão, mas também é sobre militância”, exalta Vicente de Paula, 54 anos. O servidor público federal acredita que dá para misturar essas duas motivações na parada para transmitir uma mensagem importante. “É preciso que cada um de nós esteja aqui para celebrar quem somos, mas também mostrar para esse Congresso Nacional muito conservador que a gente não vai voltar para o armário. A gente vai continuar existindo apesar de quererem que a gente não exista, de boicotarem nossos direitos”, afirma.

Vicente estava com uma roupa bastante paramentada e divertida, contava com peruca de moicano, maquiagem com as cores do arco-íris e até tintura na barba. A ideia é mostrar uma forma diferente de expressar os próprios direitos. “Aqui é manifestação, só que a

Ed Alves CB/DA Press



Em frente ao Congresso Nacional, a defesa de expressar as diferentes formas de amor

Ed Alves CB/DA Press



Vicente de Paula mistura militância social e festa na Parada LGBTQ+

nossa forma de manifestar é por meio da alegria, da diversão, da música e se expressar o melhor possível para dizer que existimos”, diz o participante da parada que não se sente constrangido em ser quem é. “A ideia de nos pressionar e nos constranger poderia funcionar 50 anos atrás, hoje não mais”, crava.

O servidor público entende que

o lugar em que a parada começou, em frente ao Congresso Nacional, é a ideal para transmitir a mensagem para quem deve recebê-la. “É representativo, porque poderíamos estar em qualquer lugar. Porém, estamos aqui, isso é simbólico, mostra que a gente resiste e que teocracia nenhuma vai impedir a gente de existir”, destaca.

A política foi tema das discussões em cima dos trios, mas também do público que festejava fantasiado. “Eu gostaria muito que a nossa população aprendesse a votar, principalmente ano que vem, um ano muito importante. Somos o país com a maior comunidade LGBTQ+, mas não temos consciência do poder que temos nas mãos”, diz

Nelson Cosmo, estudante de informática, 44, que estava fantasiado de diabo ao lado de Enilson Ferreira, servidor público federal, 62. “Trabalho há 33 anos no serviço público e nunca vi tanta gente fazendo coisa ruim para a comunidade”, comenta o servidor.

Porém, apesar de todas as críticas, a Parada também é sobre a festa e o sentimento de acolhida. Para isso, a segurança é essencial. “A segurança aqui no evento tem sido incrível. Me senti acolhida de todas as formas e por todos que estão aqui fazendo tudo isso acontecer”, conta a drag queen Davilla Mc.Gaffney, presente no evento para representar a iniciativa Distrito Drag.

No final, a Parada LGBTQ+ é uma exaltação de toda a forma de amor. “Me sinto acolhida porque estou entre pessoas que amam como eu amo e lutam realmente pelos direitos, seja no mais burocrático, ou na diversão, festa e cultura”, ressalta a produtora cultural Beatriz Cruz, 22. “Aqui dá para se divertir sem se preocupar que alguma coisa ruim possa acontecer e sem julgamentos”, completa.

Acessibilidade

Uma das poucas críticas foi quanto à acessibilidade para as pessoas com deficiência (PCDs). Beatriz tem uma dificuldade de locomoção e sentiu falta de iniciativas para melhorar a experiência dela no evento. “Sinto falta de facilitar a chegada de mais pessoas com deficiência aqui. Ainda estamos em um processo de aumentar a acessibilidade”, pontua a produtora que encontra os pontos positivos e negativos: “Vi que alguns trios tiveram a iniciativa de auxiliar pessoas com deficiência. Porém, senti falta de lugares para sentar ao longo do caminho e formas de chegar da Rodoviária até o Congresso Nacional para os PCDs”.

COMUNIDADE DA CAPITAL SE ENCONTRA NO EIXO MONUMENTAL PARA MANIFESTAR O ORGULHO POR MEIO DE MUITA DIVERSÃO



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja as entrevistas da Parada LGBTQ+

Ed Alves CB/DA Press



Beatriz Cruz (esquerda) fez críticas construtivas sobre a acessibilidade



Davilla Mc.Gaffney representa a arte drag queen na Parada LGBTQ+ de Brasília



Casal Nelson Cosmo e Enilson Ferreira se divertem fazendo fantasias para a Parada

PODCAST

Quando os preconceitos se encontram

» CARMEN SOUZA
» SIBELE NEGROMONTE

O envelhecimento tende a ser ainda mais desafiador para a comunidade LGBTQ+. Serviços de saúde limitados, abandono da família e mercado de trabalho restrito estão entre as dificuldades enfrentadas por quem chega aos 60 com uma história de vida já cheia de limitações, segundo Marcos Tavares

Venisson, fundador e presidente da Casa Rosa.

A instituição funciona em Sobradinho e oferece suportes diversos a esse público mais vulnerável. Prestes a completar 60 anos, Marcos compartilha com os assistidos os desafios do envelhecimento e os relata no novo episódio do PodEnvelhecer. Confira trechos da entrevista concedida às jornalistas Carmen Souza e Sibele Negromonte.

Resistência

O envelhecimento é um desafio ainda maior para a população LGBTQ. Por isso, imagino que foi o tema da tradicional Parada Gay em São Paulo deste ano. Nosso maior desafio é o preconceito. Isso não tem idade, mas, no envelhecimento, torna-se um desafio maior. Uma geração nova pode estar ativamente levantando o movimento. E o idoso? Quem vai fazer por ele? Enfrentamos dois preconceitos: de ser LGBTQ e de ser uma pessoa idosa.

Solidão

Essa é uma das maiores dificuldades: envelhecer sozinho. Muitos são separados dos seus afetos familiares antes mesmo do envelhecimento, vêm buscando, resistindo, tentando manter a qualidade de vida e, quando chega o momento de envelhecer, cadê a família, cadê os amigos? Porque a gente enfrenta esse preconceito dentro da própria comunidade LGBTQ. Depois de uma certa idade, você já começa a ser olhado de forma

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Direcione a câmera do celular para o QR Code e veja a entrevista completa

diferente, ganha apelidos, porque o mundo LGBTQ segue um padrão: você é maravilhoso enquanto não começam a surgir suas rugas.

Mercado de trabalho

Profissionalmente, é difícil um idoso conseguir e manter seu trabalho. Um idoso LGBTQ tem que se mostrar mais ativo ainda, porque tem um olhar discriminatório. Eu, por exemplo, sou um artista que trabalha na arte do transformismo desde adolescente. Hoje, percebo que não cabe mais usar determinada altura de salto. O corpo envelhece e,

artisticamente, também perde-se um pouco essa questão do trabalho.

Corpo padrão

A gente percebe que os números de show diminuem, as casas de show querem contratar pessoas que sejam mais jovens, porque, infelizmente, ainda existe isso de corpos padrões, que se enquadram dentro do que a sociedade quer. E o que o meio LGBTQ quer? Pessoas com corpos bonitos e que tenham um bom movimento, porque o trabalho do artista é movimento no palco. E aí chegamos a uma determinada idade, a partir dos 50 anos, 55, 60, e começamos a modificar o nicho do show, já não faz aquela performance toda com o corpo, faz trabalhos com voz, piadas e vai para o lado do humor.

Casa Rosa

A Casa Rosa é um espaço criado para dar uma atenção à população

LGBT adulta. Nós tivemos uma demanda de pessoas adultas, entre 20 e 30 anos, lá no começo, mas, depois, vimos surgir pessoas de 40, 50 e 60 anos. Estamos pensando em abrir mais para esse campo, porque temos percebido essa grande dificuldade, que só comecei a perceber quando também envelheci. Estamos pensando em ter um espaço de acolhimento de pessoas idosas.

Políticas públicas

Nós não queremos tratamento diferente, mas que existam políticas públicas que acolham, abracem essa população que vem envelhecendo. A gente vê um descaso grande da sociedade, do Estado. Quando envelhecemos, parece que perdemos ainda mais nosso valor, nossa existência. A criação de asilos é um caminho, a criação de outros espaços que acolham, que cuidem, que tragam qualidade de vida, voltados para a população LGBTQ, também.